Os Discursos Proféticos às Sete Igrejas: 7 Palestras por John Nelson Darby

Aula 2

Eu estava me referindo, na última vez que conversamos, brevemente, ao caráter distintivo da igreja de Deus; e ao caráter deste livro, como sendo um livro de julgamento, seja em relação à igreja ou ao mundo.

É importante distinguir entre a visão da igreja de Deus como um corpo responsável na Terra e, portanto, sujeito a julgamento, e aquela que a vê como o corpo de Cristo, desfrutando de seu devido lugar diante de Deus e de seus privilégios como tal. Devemos manter essas duas verdades distinta e definitivamente em mente, ou cairemos em confusão.

Vimos da última vez que Deus deu a Cristo para ser "Cabeça sobre todas as coisas da igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que cumpre tudo em todos". O pensamento e o propósito de Deus para a igreja é que ela seja o corpo de Cristo quando Ele assumir o domínio sobre todas as coisas. Deus exaltou Cristo muito acima de todo principado, poder, força e domínio, e colocou todas as coisas debaixo dos Seus pés, e O deu para ser Cabeça sobre todas as coisas da igreja, que é o Seu corpo e, portanto, chamada de "plenitude daquele que cumpre tudo em todos". Toda a plenitude da Divindade habitou em Cristo; mas isso é outra coisa completamente diferente. Nós somos a Sua plenitude, isto é, completamos o homem místico, sendo Cristo a Cabeça. Pois a igreja é aquilo que completa e demonstra a glória de Cristo no mundo vindouro; e então não haverá apenas Cristo no céu, conhecido pelo crente, mas Cristo governante sobre a terra, sobre todas as coisas. É um pensamento abençoado que não é meramente Deus como Deus que preenche todas as coisas, mas que Cristo, em redenção e plenitude mediadora em graça e justiça, preenche todas as coisas. "Aquele que desceu é também o mesmo que subiu muito acima de todos os céus, para encher todas as coisas." Tudo, desde o pó da terra até o trono de Deus, tem sido o cenário da realização e testemunho da glória de Cristo. Mas quando Ele realmente "preencher todas as coisas", e isso não for meramente conhecido pela fé, não será sozinho, mas como a Cabeça do corpo que agora está sendo formado, levando a igreja para compartilhar de Seu domínio e glória. Todas as coisas estarão sujeitas a Ele naquele dia; mas a igreja estará associada a Ele. Assim como foi no jardim: Adão, a imagem dAquele que havia de vir, era senhor de toda a criação; Eva não era parte da criação sobre a qual Adão reinava, nem tinha qualquer título próprio sobre ela, mas estava associada a ele no domínio. A passagem em Efésios 1:15. 5 retoma essa formação de Eva e a aplica à igreja: "Este é um grande mistério, mas eu falo a respeito de Cristo e da igreja".

Cristo tem todo o direito a este domínio sobre todas as coisas. (Ver Colossenses 1.) Como Deus, todas as coisas foram criadas por Ele e para Ele. E observe que, na passagem, Ele tem uma dupla primazia: Cabeça da criação, quando, como Filho,

toma o Seu lugar nela, pois Ele é o Criador; e também Cabeça da igreja, pois "ele é a cabeça do corpo, a igreja, o princípio, o primogênito dentre os mortos, para que em tudo tenha a preeminência".

Um segundo título para a liderança é que Ele é "o Filho" — não meramente como Criador (como vimos em Colossenses 1: "nos transportou para o reino do Filho do seu amor"), mas também por herança. Em Hebreus 1, encontramos este conselho e intenção de Deus em relação ao Seu Filho: "a quem constituiu herdeiro de todas as coisas", etc. Aqui, o Messias está em contemplação.

Um terceiro título para a liderança é que Ele é homem. O Salmo 8, que celebra a glória milenar, é citado e aplicado pelo Espírito Santo a Cristo em Hebreus 2:6-9 : "Vemos Jesus, feito um pouco menor que os anjos, coroado de glória e honra", e todas as coisas colocadas debaixo de seus pés. (Veja também Efésios 1:22; 1 Coríntios 15:27 .) Assim, vemos Seu título de domínio: primeiro, como Criador, "porque nele foram criadas todas as coisas"; segundo, como Filho, "a quem constituiu herdeiro de todas as coisas"; terceiro, como Homem, sob cujos pés, nos conselhos de Deus, todas as coisas são colocadas. Então, podemos acrescentar, Ele não pode tomar a herança como algo contaminado e, portanto, Ele tem uma quarta reivindicação no caminho da redenção. Seu título é para uma herança redimida e purificada, "as próprias coisas celestiais com sacrifícios superiores a estes". Para nós, que estávamos sob o pecado, alienados na mente por obras más, não é meramente purificador: a culpa também é removida. Então Ele toma e nos faz Seu corpo; como está escrito: "Somos membros do seu corpo, da sua carne e dos seus ossos". O Espírito Santo desce e nos consagra para sermos o corpo de Cristo em poder vivo; e em unidade, porque batizados com o Espírito Santo em um só corpo. Não apenas cada alma é vivificada e selada pelo Espírito, mas os crentes são "batizados em um só corpo por um só Espírito". Isso começou no dia de Pentecostes e, desde então, esse batismo tem sido a porção de cada crente. É uma grande e bendita verdade que, por mais que tenhamos entristecido o Espírito, ainda assim, individualmente, o Espírito Santo permanece com o crente e o repreende. E também é muito bendito, no que diz respeito à igreja, que o Espírito Santo não esteja, como o Senhor Jesus, apenas aqui por um breve tempo com o Seu povo e depois vá embora. "Ele vos dará outro Consolador, para que fique convosco para sempre". E observe que a presença permanente do Espírito Santo na igreja é em virtude da redenção que Cristo realizou, e não depende do uso que fazemos dos privilégios dados (embora, quando presente, Sua ação seja de acordo com o uso ou abuso desses privilégios).

A igreja de Deus, unida ao Senhor Jesus Cristo, tem seu lugar, primeiro, em virtude da Pessoa de Cristo; segundo, na redenção por Cristo; terceiro, pela presença do Espírito Santo. Não se trata de uma questão de profecia, mas do poder da graça divina viva, que reveste a igreja na glória divina. No momento em que o Espírito Santo assim formou a igreja, ela é tratada aqui como o corpo de Cristo, "do qual todo o corpo, provido e organizado pelas juntas e ligamentos, vai crescendo com o

aumento concedido por Deus". Assim como, no crescimento de uma criança, o corpo está presente, e cada membro está em seu lugar, e ela cresce até sua plena estatura.

Há dois aspectos distintos da igreja, no entanto, apresentados a nós em Efésios 1 e 2: o corpo de Cristo está no céu, e a habitação de Deus pelo Espírito na terra. Este segundo caráter da igreja é profundamente importante. A igreja de Deus, sendo formada pelo Espírito Santo na terra, necessariamente envolve a responsabilidade da igreja de manifestar na terra a glória dAquele que a estabeleceu assim. A responsabilidade nunca muda a graça de Deus. Mas enquanto a igreja permanece na terra, ela é responsável pela glória de sua Cabeça ausente aqui na terra — não como sob a lei, é claro; mas a igreja é responsável por representar a glória dAquele que a redimiu e a colocou aqui. Ela deve ser uma luz no meio das trevas — "no meio de uma geração corrompida e perversa, entre a qual resplandeceis como luminares no mundo"; "anunciando as grandezas daquele que vos chamou das trevas para a sua maravilhosa luz". E, como Paulo diz em 2 Coríntios. 3: "Vós sois manifestamente declarados a epístola de Cristo, conhecida e lida por todos os homens." A palavra é "epístola", e não "epístolas", de Cristo. É um corpo — uma transcrição de Cristo. A igreja foi estabelecida como a epístola de recomendação de Cristo a todos os homens, para que nela os homens pudessem ler e ver o poder da redenção e o caráter dAquele que está fora de vista, através do Espírito Santo que habita nela e a forma para ser a testemunha visível de sua Cabeça invisível. Jesus diz, em João 17, "para que todos sejam um". E com que finalidade? "Para que o mundo creia [ainda não "saiba" — este é o fruto da glória] que tu me enviaste". Este deveria ter sido o efeito dessa unidade em referência ao tempo presente. Quando a igreja estiver em glória manifesta com Cristo, e como Cristo, o mundo necessariamente saberá que o Pai enviou o Filho; e não somente isso, mas saberá que o Pai nos amou como amou Jesus, vendo-nos na mesma glória que Jesus. Portanto, é preciso que seja anterior a esse tempo que o mundo veja a igreja como uma só, para que creia — veja a igreja neste lugar de responsabilidade como esta epístola de Cristo. Sua responsabilidade é que a vida da Cabeça no céu seja manifestada na terra com poder. Assim, vemos quão responsável é estar sob a graça, pois é por estarmos sob a graça livre que estamos, que nossa responsabilidade adequada se manifesta. Quando chegamos a este ponto de vista de um corpo responsável na terra, encontramos o Senhor, é claro, tomando conhecimento das ações da igreja sob essa responsabilidade.

Assim, nestes dois capítulos (Apocalipse 2 e 3), temos o Senhor, não como a Cabeça do corpo, não como Aquele de quem a graça flui para os membros do corpo, mas caminhando entre os castiçais no papel de Juiz, para ver se eles estão agindo de acordo com a graça recebida. Este princípio de julgamento permeia todos eles: "Darei a cada um de vós segundo o uso que fez dos privilégios e da graça em que a igreja estava inicialmente estabelecida". Esta é uma palavra solene para nós, justamente em proporção à nossa avaliação da graça. Não é condenação como pela

lei; mas quanto mais eu compreender o amor, do qual deixei de testemunhar, mais meu coração se entristecerá quando eu não der uma resposta verdadeira a essa graça, pois ela conecta o pecado, por assim dizer, com o nome de Deus, que eu carrego. O efeito da maldade de Israel não apenas provou que o homem é pecador, mas, tendo Deus colocado Seu nome ali, conectou o pecado com o nome de Deus. Foi com base nisso que o Senhor repreendeu Israel quando disse: "O nome do Senhor é blasfemado entre os gentios por causa de vós". O testemunho do Seu nome foi colocado sob a guarda deles e deveria ter sido guardado por eles. Deus saberá como vindicar plenamente o Seu santo nome, no final, na Terra. Este é ainda mais o caso em relação à igreja do Deus vivo. O mundo deve ver santidade praticamente perfeita e amor perfeito na igreja: pois somos feitos participantes da santidade de Deus e somos objetos do Seu amor infinito e perfeito. A igreja deve ter apenas uma posição e serviço constantes na Terra: o de manifestar ao mundo o que recebe da sua Cabeça viva no céu. A igreja nunca conheceu a Cristo segundo a carne; o único Cristo que a igreja conhece é o Cristo que o mundo rejeitou e que agora está no céu; e, portanto, a igreja deve estar em total abstração do mundo, a ponto de manifestar o que é a sua Cabeça. E assim a igreja deve ser a epístola de louvor de Cristo. E observe a força da palavra "epístola" aqui. O mundo deve ver o que Cristo é em você, assim como a lei foi vista escrita em tábuas de pedra (2 Coríntios 3), uma epístola viva, "conhecida e lida por todos os homens". E o caráter da nossa caminhada será grandemente aprofundado, à medida que compreendermos o que a Sua graça fez por nós e para o que nos chamou. Assim, vemos que o Senhor nunca desiste disso em princípio. Ele nunca se afasta daquilo para o qual a igreja é chamada em testemunho e testemunho, embora Ele a suporte com paciência.

Mas agora nos voltaremos para outro ponto: o uso que deve ser feito desses discursos às igrejas. Há duas coisas à primeira vista. Primeiro, é um fato histórico que havia igrejas na Terra na condição aqui mencionada; depois, em segundo lugar, que a instrução moral está disponível a cada santo individualmente — aplicável a toda pessoa que tenha ouvidos para ouvir e um coração compreensivo para conhecer a mente do Senhor. Isso é muito simples.

Mas se prosseguirmos, descobriremos que há significado no número de igrejas às quais se dirige. O número sete, sendo o símbolo da perfeição, é o número frequentemente usado neste livro – sete selos, sete trombetas, sete taças. Assim, a escolha deste número marca o círculo completo dos pensamentos de Deus sobre a igreja, como responsável na Terra segundo a graça na qual foi colocada ali. Não é que houvesse apenas sete igrejas ou assembleias na Terra na época em que estes discursos foram proferidos, como sabemos, por exemplo, em Colossos e Tessalônica, e tantas outras; mas estas e todas as outras foram deixadas de fora, porque não forneciam os elementos morais necessários ao Espírito Santo para este quadro completo.

Ao pensar na unidade do corpo com a Cabeça, entramos em privilégio, e não em

responsabilidade — a vida de Cristo e a glória de Cristo como medida e fim. Mas estes capítulos apresentam o estado real e diversificado da igreja. O próximo ponto é que estas sete igrejas são abordadas distintamente em conexão com a responsabilidade; e, além disso, elas não podem se aplicar todas a todo o corpo em geral ao mesmo tempo, porque encontramos estados tão diferentes entre elas e, portanto, não podemos aplicar o que é dito em uma delas indistintamente à outra, visto que há encargos e promessas distintas. Descobriremos, no entanto, ao entrar em detalhes, que diferentes partes da igreja professa, com características distintas, são mencionadas como subsistindo parcialmente ao mesmo tempo. Assim, obtemos isto: cada descrição se aplica, em um sentido, à igreja em geral, mas nem todas se aplicam à igreja inteira ao mesmo tempo. E, portanto, você obtém nessas igrejas, seja uma imagem sucessiva da condição da igreja na Terra, como responsável perante Deus do começo ao fim desta dispensação, de uma forma profética, ou um estado particular de uma parte necessária para completar o quadro inteiro — os diferentes aspectos que ela apresentou no mundo até que o Senhor o vomite de Sua boca.

Então, você dirá: "Como pode a igreja ser vomitada da boca de Cristo, quando a igreja é o corpo de Cristo e deve estar com Ele na glória?" Isso é verdade, se você fala do corpo de Cristo, mas a igreja como um corpo externo na terra nunca perde sua responsabilidade, quaisquer que sejam suas características. Vista como se estivesse na terra, ela é responsável por sua conduta. Se o servo indigno não fizesse a vontade de seu senhor, ele deveria ser tratado, não como se não fosse um servo, mas como um hipócrita, de acordo com a posição em que se encontrava, embora não como sendo realmente um, pois servo ele não era realmente nenhum. Não lhe foi dito: "Você não é servo"; mas: "Lançai o servo inútil nas trevas exteriores... e destinai-lhe a sua parte com os hipócritas". Assim, ele foi preso e condenado com base em sua profissão de fé.

Assim foi com Israel. Eles foram formados por Deus para levar Seu nome perante o mundo; falharam; foram tratados como responsáveis e postos de lado, conforme observado sob a antiga aliança. A palavra à figueira estéril foi: "Nunca mais coma fruto de ti." A figueira podia dar folhas, mas quando o Senhor veio em busca de fruto, não encontrando nenhum, disse: "Nunca mais nasça fruto de ti, doravante e para sempre... e logo secou." Assim, Israel, como um vaso para levar o nome de Deus ao mundo, foi posto de lado; mas isso não tocou na questão da fidelidade de Deus. Ele restaurará Israel nos últimos dias, e até então a graça ainda flui, tomando o remanescente dentre eles como a verdadeira semente de Abraão, apenas com melhores privilégios; pois se Israel como um todo for posto de lado, então Deus estabelece o novo, e dentre os judeus e gentios "o Senhor acrescentava à igreja diariamente aqueles que se haviam de salvar." A questão aqui não é quanto à certeza da salvação individual, mas sim quanto ao vaso que Deus está usando para levar Seu nome perante o mundo. Indivíduos que creem irão para o céu, mas o vaso do testemunho, tendo falhado, deve ser quebrado. Deus tem longa paciência com

ele; mas se, depois de tudo o que foi feito, ele apenas produzir uvas bravas, deve ser cortado. Sem dúvida, há um remanescente fiel levado para o céu, mas o vaso é rejeitado como um testemunho público visível na terra.

Em Romanos 11, vemos como Deus coloca o que Ele formou atualmente na Terra para levar Seu nome, na posição de um sistema público e visível na Terra, como fez com Israel. "Contempla a bondade e a severidade de Deus: para com os que caíram, severidade; mas para contigo, bondade, se permaneceres na sua bondade; de outra forma, serás cortado." Deus pode rejeitar a igreja professa em perfeita consistência com o que Ele revelou ser, porque não se trata de Sua graça e bondade, ou de salvação individual, mas simplesmente e somente de responsabilidade. E é isso que torna Seu relacionamento com essas igrejas um profundo e positivo aviso para nós, visto que o mesmo princípio se aplica tanto ao testemunho gentio quanto ao judaico. Deus cumprirá à risca cada promessa que fez a Israel. No entanto, todos sabemos como um fato claro que Deus rejeitou Israel como testemunhas visíveis para levar Seu nome ao mundo. E Ele, da mesma forma, rejeitará a igreja, se ela falhar em sua responsabilidade na Terra. Assim, vemos como Deus mantém Seu governo em relação ao testemunho que Seu povo deve prestar em cada dispensação, e que, embora a salvação individual esteja para sempre assegurada aos indivíduos em Israel e na igreja, ambos serão postos de lado quanto ao seu testemunho público visível. Assim, recebemos não apenas a responsabilidade, mas também as consequências do fracasso.

Vamos agora abordar o exemplo positivo e a advertência que Deus nos dá na Palavra de Éfeso. É, sem dúvida, um grande meio de fortalecer a alma – ser instruído nos caminhos e atos de Deus nas Escrituras; mas é uma fonte de alegria para mim obter a aplicação imediata da verdade à minha própria alma. Os princípios gerais das Escrituras são muito abençoados, mas a aplicação individual da verdade ao coração e à consciência é ainda mais feliz.

Nestes discursos às igrejas, temos, em primeiro lugar, o caráter de Cristo, que é sempre adaptado ao estado da igreja em particular. Assim, no primeiro, aos Efésios, como questão de aplicação geral, temos: "Aquele que segura as sete estrelas na sua destra, que anda no meio dos sete castiçais de ouro" — isto é, Cristo revelado no caráter particular com o qual exerce julgamento. Em segundo lugar, em cada igreja, vemos o caráter especial das provações dos fiéis. E, em terceiro lugar, uma promessa especial é dada para sustentar a fé daqueles que estão sob provação. Assim, toda graça e misericórdia são adequadas para atender às circunstâncias especiais. E então, em quarto lugar, antecipando o tempo da bênção mais plena, vemos a porção dada "ao vencedor", quando Cristo tiver levado os santos para Si.

As igrejas são divididas em duas partes: três igrejas na primeira divisão e quatro na segunda. Este é um ponto de grande interesse. A igreja geralmente parece ser tratada como tal nas três primeiras igrejas. Ou seja, os santos, embora tenham que vencer, são vistos como parte do corpo em geral; o pequeno remanescente, mais

distintamente à parte, nas últimas quatro. Assim, também por meio dessa divisão, obtemos partes características distintas da igreja professa. Nos discursos às três primeiras igrejas, a exortação: "Quem tem ouvidos, ouça" — precede as promessas aos fiéis vencedores. Nas últimas quatro, ela segue as promessas. Nas três primeiras, o ouvido que ouve é mencionado em conexão com o testemunho geral à igreja, antes de destacar o remanescente fiel que venceu. Nas últimas quatro, a exortação segue a vitória. Nas três primeiras, também, a vinda do Senhor não é mencionada, mas pelo mesmo motivo que a maior distinção do remanescente. Na quarta, a atenção é direcionada para a vinda de Cristo. Essa era agora a esperança dos remanescentes, não o retorno à ordem primitiva. O corpo público professo estava completamente corrupto.

Nas três primeiras igrejas, os pensamentos da igreja são, por assim dizer, chamados de volta à condição e posição originais — uma condição que foi apresentada como possível à restauração, caso se arrependesse. Observamos, na última palestra, que Deus tinha dois padrões de julgamento ao lidar com um povo colocado em responsabilidade: ou a graça que os colocou ali e, portanto, o pensamento de restauração por causa dessa graça, e de acordo com o padrão que ela concedeu; ou a glória à qual são chamados. Nas três primeiras igrejas, encontramos a primeira. Mas em Tiatira, outra coisa entra em cena. A igreja como um todo provou estar em uma condição desesperadora (falo da igreja em testemunho aqui como um corpo visível no mundo), e então a esperança individual é sempre dada, e o discurso do Espírito é especialmente para aqueles que vencem, e, como se pode ver, a glória vindoura no retorno de Cristo é apresentada como encorajamento. E, portanto, em Tiatira, temos esta esperança distinta oferecida ao remanescente: "o que tendes, guardai-o até que eu venha".

Com essas verdades gerais, eu também observaria que no discurso à primeira igreja, Éfeso, vemos o caráter geral de Cristo exercendo julgamento, "segurando as sete estrelas em sua mão direita" (isto é, segurando toda a autoridade e todo o poder), "andando no meio dos sete castiçais", as igrejas, indo ao redor para ver se as luzes estavam queimando intensamente, emitindo aquela luz verdadeira que Ele havia acendido.

Vemos, consequentemente, em cada um deles o selo peculiar de responsabilidade. Observe, então, como Ele inicia este discurso em Éfeso, abordando todos os pontos que Ele pode, de alguma forma, aprovar, antes de apresentar o lado oposto da questão. "Conheço as tuas obras, o teu trabalho e a tua paciência." Que bênção é Ele saber tudo sobre nós, até mesmo "os pensamentos e intenções do coração!" "Tenho, porém, contra ti que abandonaste o teu primeiro amor." Agora, observe outro princípio importante. De que Cristo necessariamente deve ter ciúmes senão do Seu amor pela igreja, que era mais forte que a morte? É totalmente impossível que Ele possa esquecer o Seu amor pela igreja e, portanto, igualmente impossível que Ele possa ser satisfeito sem que o amor dela retribua a Ele; pois, lembre-se, é somente o amor que pode satisfazer o amor. A própria reprovação que Ele faz

revela a força do Seu amor pela igreja, que não pode descansar até receber o mesmo dela; Pois Ele não pode se acalmar e se satisfazer com uma débil retribuição de Seu amor, por mais que a igreja tenha se acalmado em seus pensamentos sobre o amor de Cristo por ela. Pode ainda haver muito fruto exterior em "obras, labor e paciência"; mas, sejam quais forem o trabalho e a labuta, a fonte de tudo isso se foi — você abandonou seu primeiro amor; aí está o grande mal. Não importa o quanto você se esforce e se esforce, se o amor a Cristo não for o motivo de todo o seu serviço, ele será apenas, como diz o apóstolo, "como o bronze que soa ou como o címbalo que retine", que se apaga com o seu som.

Aqui, então, em Éfeso, temos o primeiro grande princípio do fracasso e, portanto, o grande julgamento geral que veio sobre toda a igreja. "Lembra-te, pois, de onde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras [veja como Ele as traz de volta ao ponto de partida], quando não, brevemente a ti virei, e tirarei do seu lugar o teu castiçal, se não te arrependeres." Ele não pode permitir que permaneça no mundo aquilo que falha em demonstrar o grande amor com que amou a igreja; pois, se o fizesse, não seria "a testemunha fiel e verdadeira". Este princípio de terna e fiel reprovação é a prova bendita de que o Seu amor nunca esfria, por mais que o nosso falhe.

Nesse sentido, a maneira do Senhor lidar com as almas individuais é exatamente a mesma que com a igreja. Ele toma conhecimento de todo afastamento dEle, mas a porta está sempre aberta para o "arrependimento", e quando o pecado é julgado e visto à luz como Deus o vê, então não há nada que impeça a restauração imediata. No momento em que a consciência se curva diante do pecado e o confessa, ela assume uma posição correta; uma retidão de alma, onde havia mal, é demonstrada na consciência do mal e no poder de confessá-lo; e, portanto, a igreja de Deus, ou uma alma individual, deve atingir esse estado de retidão diante de Deus, para que Ele a restaure; Jó 33:23-26 . Faça com que o pecado seja julgado na consciência, e então há a revelação do amor infalível de Deus para suprir a necessidade. Assim é nos detalhes diários da vida cristã. Julgamentos podem ser aplicados ao Seu povo, mas Seu amor disciplinador é visto em tudo.

E assim se aprende a razão pela qual o Senhor repreende a igreja por abandonar seu primeiro amor. Há nisso a revelação de Seu amor perfeito e imutável brilhando através da condenação de seu estado. E não vemos esse amanhecer nos relacionamentos naturais da vida? Considere o marido e a esposa. Uma esposa pode cuidar da casa e cumprir todos os seus deveres de modo a não deixar nada por fazer que seu marido possa criticar; mas se o amor dela por ele diminuiu, todo o seu serviço o satisfará se o amor dele por ela for o mesmo do início? Não. Bem, então, se não serve para ele, não serve para Cristo: Ele deve ter o reflexo de Seu amor. Ele diz: Não sou cego às suas boas qualidades, mas desejo a si mesmo. O amor, que antes era a fonte de toda ação, se foi; e, portanto, o serviço não tem valor. Se falta amor, o resto é como nada. É verdade que nosso amor não pode responder dignamente, mas ainda assim pode responder verdadeiramente; pois

pelo menos Cristo busca a indivisibilidade do objeto, embora não haja adequação de afeição. Deve haver divisão de coração se houver instabilidade de afeição. Este foi o segredo de todo o fracasso em Éfeso. A indivisibilidade de coração em relação ao objeto de afeição havia sido perdida, a unicidade de olhar havia desaparecido, e o reflexo perfeito daquele amor que havia se apoderado da igreja por Si mesmo havia desaparecido. Ainda assim, enquanto Cristo diz: "Tenho contra ti, porém", Ele marca tudo o que é bom. "Tu sofreste, e tens paciência, e trabalhaste pelo meu nome, e não te cansas." Bem, então, pode-se dizer: O que mais o Senhor pode querer? Ele diz: "Eu a quero". Lembre-se disso com relação à igreja. Então Ele diz: "Lembra-te, pois, de onde caíste, e arrepende-te, e pratica as primeiras obras." Para mim, esta é uma palavra muito solene, mas tocante para nós, pois nos afastamos muito mais do nosso primeiro amor do que eles; ainda assim o coração daquele que é fiel encontra um certo refúgio em Cristo, pois sua alma encontra na própria reprovação uma prova infalível de Seu amor imutável.

O que Ele considera excelente aqui? "Obras, trabalho e paciência". Nada de positivo é mencionado que marque o declínio, mas as obras realizadas não estavam ligadas ao primeiro amor. E aqui observemos que a igreja tem um serviço positivo muito distinto daquele que os judeus jamais tiveram. Deus não esperava que os judeus saíssem em amor, mas que a igreja, tendo recebido graça, saísse em graça para chamar os pobres pecadores. O judeu tinha a lei como um muro para manter a justiça dentro, mas nenhuma porta aberta para o amor fluir.

Considere os tessalonicenses, que, nisso, estão em contraste direto com esses santos efésios, e que estavam no frescor do seu "primeiro amor", e o que se nota neles? "Sua obra de fé, seu labor de amor e sua paciência de esperança em nosso Senhor Jesus Cristo" — exatamente as mesmas coisas que são elogiadas em Éfeso. Qual era a diferença, então? Não que eles não tivessem obras, mas que a verdadeira fonte delas havia desaparecido; enquanto nos tessalonicenses a fonte de tudo estava em pleno funcionamento. Os três grandes princípios do cristianismo, fé, esperança e amor, estavam todos em Tessalônica (isto é, a plena ligação do coração com a fonte de poder). A fé que caracterizava sua "obra" os mantinha caminhando em comunhão com Deus. O amor que caracterizava seu "labor" os ligava à fonte de poder. E na "esperança" que caracterizava sua paciência, temos a vinda do Senhor, como o objeto diante de suas almas, para sua paciente espera em serviço. Assim, em Tessalonicenses você encontra poder espiritual, o próprio Cristo como objeto, e o amor caracterizando tudo. Suponha que eu vá trabalhar, e o espírito de amor esteja em meu trabalho, que diferença haverá quando todo o serviço for marcado pelo caráter desse amor! Se for apenas na pregação do evangelho, quão plenamente apresentarei o amor de Deus a um mundo perdido, se o amor de Cristo estiver brotando de novo em minha própria alma! Mas, ai de mim! Quantas vezes temos que nos censurar por continuarmos em uma rotina de dever cristão, fiéis na intenção geral, mas não fluindo da nova compreensão do amor de Cristo por nossas almas.

Mas a justiça e a verdadeira santidade, e o aspecto da igreja em conexão com essas características de Deus, têm seu lugar, assim como o amor que é a Sua natureza. "Não podes suportar os maus." O estado natural, o estado normal da igreja, é o pleno poder do bem em meio ao mal, dando um testemunho brilhante através do poder divino. A igreja não deve ser o lugar onde o bem e o mal estão em conflito interiormente, mas em um estado tal que seja a manifestação do bem em meio ao mal. Mas suponha um declínio, então há uma questão de mal interior. "Do seu interior fluirão rios de água viva" é o único estado correto da igreja. Este é o seu estado primário e único absolutamente reconhecido. Em seguida, vem o poder de remover o mal e torná-lo uma ocasião de bênção quando ele surgir. (Veja Atos.) Mas se deixar de ser assim, então surge uma questão de mal interior, como aqui: "Não podes suportar os maus." Agora o mal havia entrado, ou isso não teria sido dito. Não havia mais aquela corrente transbordante de bondade, mas, tendo-a baixado, era um processo doloroso navegá-la em segurança e bênção. As margens estavam rompidas e o mal havia entrado, ou não haveria essa questão quanto ao mal. Veja o caso de Ananias e Safira. Eles queriam obter o caráter de devoção, pois tal a igreja tinha, mas sem o custo disso. Assim, a hipocrisia havia entrado na igreja, mas o poder do bem estava lá para expor o mal que buscava o caráter do bem em nome do crédito. O amor ao dinheiro realmente os governava, modificado pelo amor à reputação da igreja. E a presença do Espírito Santo deve se manifestar em julgamento. Este foi um começo triste, quando o bem tem que ser caracterizado pelo conflito com o mal, em vez de o bem ser manifestado pela manutenção do mal fora. Então, quanto à doutrina, é a mesma coisa: "Tens isto: que odeias as obras dos nicolaítas, as quais eu também odeio." A paciência tinha que ser exercida. Percebemos imediatamente que não era o primeiro estado (alegria pelo bem), mas sim uma obra de paciência que era necessária; e precisamos observar especialmente essa característica em nossa caminhada como cristãos. O que caracteriza o poder individualmente é a paciência quando começa o tempo de conflito com o mal.

Mas então temos outro princípio. Há casos em que Cristo aprova o ódio. "Tu odeias" aquilo "que eu também odeio". A doutrina dos nicolaítas introduziu uma licença para o mal com o caráter da graça, associando assim Cristo e o mal. E isso é algo terrível — introduzir aquilo que associa Deus ao mal; pois Satanás imitaria ou falsificaria a graça, e assim associaria Deus ao mal, exatamente o que Deus diz: "minha alma odeia". Vimos que o caráter em que Cristo é apresentado está ligado ao julgamento. Ele está caminhando entre os castiçais. E aqui, sendo a igreja geral e introdutória, o julgamento também é o julgamento geral resultante. A advertência, portanto, é que a igreja será removida. Em suma, temos os três pontos: responsabilidade, fracasso e julgamento consequente. Então, com relação à promessa: "Ao que vencer, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida, que está no meio do paraíso de Deus", o paraíso que Ele criou para Si mesmo. Não é o paraíso em que Deus visitou o homem para ver o que ele estava fazendo, como Ele veio a Adão, e se estivesse fazendo o bem, Ele deveria permitir que ele permanecesse,

mas se estivesse fazendo o mal, deveria expulsá-lo; mas é Deus levando o homem para o Seu próprio paraíso. Que diferença entre o paraíso do homem, no qual Deus veio e encontrou o pecado ali, e assim expulsou o homem, e o paraíso de Deus, no qual o homem é levado como resultado da redenção, para nunca mais sair! Não há duas árvores aqui; não há árvore do conhecimento do bem e do mal aqui — nós tivemos bastante dela em nossa própria responsabilidade. Nós a possuiremos lá de acordo com a santidade de Deus; de fato, na natureza já o possuímos, sendo renovados em conhecimento segundo a imagem dAquele que nos criou em justiça e verdadeira santidade. Mas há apenas uma árvore, e esta é a árvore da vida, a única e infalível fonte perfeita de vida em Deus; e alguém participando dela — o resultado, não de responsabilidade, mas de redenção e poder vivificante, e uma redenção segundo os próprios conselhos e pensamentos de Deus — responsabilidade não dispensada, mas cumprida segundo o próprio amor de Cristo. "Ao vencedor, dar-lhe-ei a comer da árvore da vida." A graça sustentou o indivíduo que venceu; e quando a igreja fracassou, em vez de navegar na corrente do fracasso (o coração do santo individual tendo energia espiritual para formar uma avaliação do fracasso interior e julgá-lo aos olhos de Deus, em vez de desanimar e afundar quando outros estavam abandonando seu primeiro amor), eles próprios venceram. Mas então é bom ver que a graça fez tudo. "A minha graça te basta." E o resultado foi que eles tinham seu lugar no paraíso de Deus, alimentando-se de todos os frutos maduros que a árvore da vida podia produzir.

Ao aplicar tudo isso como princípio geral, descobrimos que o testemunho secreto da graça aos corações dos fiéis é a fonte de força. Se "para mim o viver é Cristo", é o testemunho da graça infalível que me sustenta através de todas as provações e dificuldades; mais ainda, quanto maior a provação e o fracasso, mais ele revela o que Deus é para minha alma, de modo que conheço a Deus de uma forma que nunca O conheci antes (como Abraão, que, "quando foi provado, ofereceu Isaque"; e então aprendeu a Deus como um "Deus de ressurreição", que ele nunca havia conhecido antes). Que conforto é encontrar Cristo tanto mais desfrutado quanto mais nos encontramos em meio aos obstáculos, e, vendo o fracasso, olhar para Aquele que nunca falha! "O segredo do Senhor é com aqueles que o temem, e ele lhes mostrará a sua aliança."

Em Éfeso, então, descobrimos que começamos com o fracasso da igreja. Tal é o testemunho do Juiz, e o efeito do fracasso será a remoção do seu castiçal, a menos que ela se arrependa; e, quanto a isso, ela é chamada de volta às primeiras obras, ou então deixará de ser uma testemunha na terra.

O fracasso não estava na atuação pública, nem na retidão, nem na refutação de falsos mestres, mas na intimidade da comunhão com Cristo em seu amor. Suas obras não haviam diminuído em quantidade ou zelo; seu caráter havia se deteriorado: Cristo sabia quando não havia o mesmo amor por Ele nelas.